

Abordagem intercultural no livro didático: variação linguística na língua portuguesa

Intercultural approaches in textbooks: linguistic variations in Portuguese language

Adriana Letícia Torres da Rosa¹; José Batista de Barros²; Madson Góis Diniz³.

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a proposta de ensino da variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa, para identificar a abordagem pedagógica dos recursos textuais tipicamente culturais nas atividades de leitura e escuta, produção de texto escrito e oral e análise linguística, bem como verificar se essa realiza-se em congruência com o estudo de gêneros textuais/textos e suas formas de uso em diferentes países de língua portuguesa. Como base teórica, apontam-se estudiosos filiados a estudos da enunciação, Bakhtin (2003, 2006), Ilari e Basso (2006), Faraco (2015), Geraldi (2009) e Marcuschi (2008); além da Análise do Discurso, a partir de Aurox (2009) e da Pedagogia Cultural, Giroux (2011). A análise de base qualitativa tem como amostra, três coleções do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, circulação em 2014, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) brasileiro (2012). Como *corpus*, estão as seções dos livros que abordam o estudo da variação linguística. Dentre as categorias de análise, destacam-se: o tratamento pedagógico do tema variação linguística; a abordagem do estudo de gêneros textuais/textos em uso em diferentes países de língua portuguesa.

Abstract

This paper aims at analyzing the proposal of teaching of linguistic variation in Portuguese language textbooks, to identify the pedagogical approach of typically cultural textual resources in reading and listening activities, production of written and oral text and linguistic analysis, as well as verifying If this is done in congruence with the study of textual genres / texts and their use in different Portuguese-speaking countries. As a theoretical basis, scholars are affiliated to enunciation studies, Bakhtin (2003, 2006), Ilari and Basso (2006), Faraco (2015), Geraldi (2009) and Marcuschi (2008); Besides the Discourse Analysis, from Aurox (2009) and Cultural Pedagogy, Giroux (2011). The qualitative analysis has as a sample, three collections from the 5th to the 9th year of Elementary School, circulation in 2014, approved by the National Program of the Brazilian Didactic Book (2012). As a corpus, there are sections of the books that deal with the study of linguistic variation. Among the

¹ Professora da Universidade Federal de Pernambuco, Colégio de Aplicação. Doutora em Letras, com ênfase em Linguística. E-mail: adrianarosa100@gmail.com. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Experimentação Pedagógica e Formação de Professores na Educação Básica: Núcleo de Estudos Literários e Linguísticos.

² Professor da Universidade Federal de Alagoas, Núcleo de Desenvolvimento Infantil. Mestre em Ciência da Linguagem. E-mail: josebatista.40@gmail.com. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq - Experimentação Pedagógica e Formação de Professores na Educação Básica: Núcleo de Estudos Literários e Linguísticos. Membro do Centro Paulo Freire.

³ Professor da Universidade Federal de Pernambuco, Colégio de Aplicação. Doutor em Linguística. E-mail: madsongd@gmail.com. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq - Experimentação Pedagógica e Formação de Professores na Educação Básica: Núcleo de Estudos Literários e Linguísticos.

categories of analysis, the following stand out: the pedagogical treatment of the topic linguistic variation; The approach of this research of textual genres / texts in different use in Portuguese-speaking countries.

Palavras-chave: Variação linguística, Países de Língua portuguesa, Livro Didático de Português.

Key-words: Linguistic variation, Portuguese speaking countries, Portuguese language textbooks

Introdução

Despida das roupagens imperiais, e apesar das diferenças continentais, a língua portuguesa apresenta-se, como já dizia Fernando Pessoa, como o mais forte cimento da lusofonia. Para que a lusofonia seja um espaço simbólico significativo, em que seus membros tenham uma identidade lusófona, é preciso, no que diz respeito à língua, que seja um espaço em que todas as variedades linguísticas sejam, respeitosamente, tratadas em pé de igualdade. É necessário que não haja a autoridade "paterna" dos padrões lusitanos. Evidentemente, a lusofonia tem origem em Portugal e isso é preciso reconhecer. Contudo, Portugal não pode pretender a hegemonia da legitimidade linguística.

A língua portuguesa apresenta grandes variações na pronúncia, no vocabulário e na sintaxe. Essa diversidade, que se apresenta de forma mais intensa na linguagem oral, está relacionada aos processos históricos pelos quais passaram cada região, povo e cultura, e demonstra a dinamicidade da língua. Talvez em razão dessa variedade linguística original, o português acabou por se tornar uma espécie de língua franca, que facilitava a comunicação entre os diversos grupos étnicos e sofreu algumas modificações dando origem a espécies de crioulos, uma mistura entre o português europeu e as línguas nativas, denominados popularmente como pequeno português.

A língua constrói a identidade de uma nação, bem como é canal de interação e colaboração entre povos irmãos, falantes da mesma língua. Assim, conhecer e expressar essa diversidade é fundamental para compreender a língua como um processo vivo, sempre em transformação. Além disso, considerar, comparar e valorizar as variedades é uma forma de combater o preconceito linguístico, prática que deprecia o diferente e ainda hoje exclui milhões de pessoas do acesso aos bens da cultura letrada.

Muito tem se debatido sobre as relações interculturais no âmbito dos Países de Língua Portuguesa (PALOP)⁴, entretanto, poucos têm sido os estudos sobre a construção da textualidade e

⁴ A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é um espaço de referência no debate linguístico intercultural. Essa responde pela difusão, promoção e projeção da Língua Portuguesa através de políticas e planejamentos linguísticos inscritos em práticas discursivas, a exemplo do Acordo Ortográfico vigente (1990/2009). Designa-se como o foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros. Criada em 17 de Julho de 1996, é considerada o espaço da lusofonia, é

discursividade entre os falantes da língua portuguesa, sobretudo no livro didático destinado aos ciclos iniciais do ensino básico. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é investigar a proposta de ensino da variação linguística nos respectivos livros didáticos, para identificar a abordagem pedagógica dos recursos textuais tipicamente culturais nas atividades de leitura e escuta, produção de texto escrito e oral e análise linguística; além de verificar se essa abordagem se realiza na congruência com o estudo de gêneros textuais/textos e suas formas de uso em diferentes países de língua portuguesa.

O quadro teórico desta investigação abarca a perspectiva enunciativa de linguagem, ancorada nas proposições de estudiosos como Bakhtin (2003, 2006), Geraldi (2009) e Marcuschi (2008), além da Análise do Discurso, a partir de Aurox (2009) e da Pedagogia Cultural, Giroux (2011), adentando-se ademais num quadro teórico da pedagogia da variação linguística, voltando o olhar para questões que interrelacionam língua e diversidade no contexto do ensino, como discutem Ilari e Basso (2006), Faraco (2015), Cyranka (2015) e Galarza (2015) para citar.

A análise de base qualitativa tem como universo livros didáticos de língua portuguesa para educação Básica do Brasil. Como amostra, três coleções do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, circulação em 2014, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) brasileiro, totalizando 12 exemplares. Como *corpus*, selecionamos as seções dos livros que abordam o estudo da variação linguística numa perspectiva intercultural. Dentre as categorias de análise, estão: tratamento do tema variação linguística; abordagem do estudo de textos e recursos linguísticos realizados em diferentes países de língua portuguesa.

1. O ensino de língua portuguesa na perspectiva da variação linguística

Para situar o nosso entendimento sobre o ensino da língua materna na perspectiva da variação linguística, tomamos por base os fundamentos de Bakhtin/Volochinov (2003) sobre a filosofia da linguagem: a linguagem é uma forma de interação social, histórica, ideológica e dialógica.

Com esse prisma, entendemos que o ensino de língua, (linguagem verbal), na educação básica está associado a reflexões pedagógicas que vislumbram observá-la vinculada ao seu contexto enunciativo de realização e materialização: as interações verbais, orais ou escritas, estão situadas em contextos sociocomunicativos particulares, bem como materializam-se em enunciados tipicamente estáveis de interação, os gêneros do discurso.

composta pelos países: **Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, Timor Leste, São Tomé e Príncipe.**

Nesse caminhar, na pauta do ensino-aprendizagem da língua materna, alguns pressupostos são basilares: os sujeitos da interação são ativos, histórica e ideologicamente situados, encontrando-se intimamente engajados na atividade de uso da língua; o fenômeno da variação linguística é constitutivo da linguagem verbal; o texto é o lugar da interação situada e está associado à noção de gênero do discurso (GERALDI, 2009; MARCUSCHI, 2008).

Para Bakhtin (2006), os gêneros do discurso (doravante chamados de gêneros textuais), orais e escritos, são formas relativamente estáveis de enunciados as quais se moldam conforme propósitos comunicativos, conteúdos, composição e estilo próprios a uma esfera social de circulação. Como objetos de ensino, os gêneros permitem fazer compreender o funcionamento da sociedade nas suas ações de comunicação e situar o aluno como cidadão que desvelará nos seus usos e análises da língua: quem está envolvido na interação (e qual seu papel social e propósito ideológico); o que se é possível ou previsível comunicar num dado momento histórico e numa dada esfera social; para quem se diz algo e com que propósito; que recursos textuais e linguísticos devem ser mobilizados para se alcançar os objetivos de interação verbal em curso, construindo-se sentidos coerentes.

Aproximando-se do nosso objeto de estudo, a variação linguística, é preciso ressaltar que a língua e os gêneros textuais que a materializam encontram-se em evolução histórica permanente, atualizando-se a cada contexto de uso quanto à situação de comunicação, bem como às formas e aos sentidos construídos. Assim, no estudo de língua deverão prevalecer: o caráter mutável sobre o fator normativo e estável das formas linguísticas; o concreto da enunciação e a sua verdade histórica sobre o sistemático abstrato; a dinâmica da fala sobre o estudo isolado do elemento linguístico; a polissemia sobre a univocidade da palavra; a linguagem como um produto inacabado sobre a noção de acabamento (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2003).

Com essa noção de instabilidade e dinamicidade da linguagem verbal, situamos o problema da variação (estratificação) linguística: a noção de variedade linguística singulariza os diversos sistemas de referência, as diferentes e amplas formas de representação do mundo e de ação nesse mundo pelos grupos sociais.

Geraldi (2009) aponta que toda e qualquer variedade da língua apresenta um nível de complexidade similar, posto que é dotada de um conjunto de recursos expressivos, com gramática interna própria. Contudo, a sociedade e, por seu turno, a escola, tendem a eleger a variedade usada pelos grupos de poder como a “correta”, a variedade de prestígio.

Estudiosos como Faraco (2015), Cyranka (2015) e Galarza (2015) sinalizam que a variação linguística, mesmo que compreendida pela Linguística como um fenômeno natural das línguas, as quais são por essência heterogêneas e mutáveis, não apresenta o mesmo entendimento pelo senso

comum: as variedades que se distanciam da de prestígio são muitas vezes folclorizadas, estigmatizadas negativamente, entendidas como espécie de “fator de destruição” da língua. Isso explica parte do grande preconceito linguístico que impera no Brasil.

Na escola, por sua vez, as variedades linguísticas apresentam-se ainda, em grande parte, abordadas no viés de uma pedagogia estruturalista, focada no estudo formal da língua. Nesse sentido, é necessária a construção de uma pedagogia da variação linguística que: reconheça a realidade linguística do país, percebendo-o como multilíngue e apresente destaque crítico à variação social do português; analise os fatos da norma culta no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação; e, sobretudo, sensibilize os indivíduos a combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas nas diferenças linguísticas (cf. FARACO, 2015).

Na escola, diante da complexidade das variedades linguísticas, o ensino-aprendizagem coerente como a perspectiva enunciativa da língua, possibilitará a reflexão sobre essa complexidade da linguística e sem que haja uma imposição da variedade de prestígio. Como bem defende Geraldi (2009, p. 65), “trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões de mundo e modos de expressá-las”. Nesse processo de interlocução, os estudantes internalizarão tanto recursos expressivos como formas de compreensão de mundo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998, p.32-33), apontam para mesma direção quando estabelecem dentre os objetivos gerais de ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico; e reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades.

Ilari e Basso (2006), comungando do mesmo entendimento de que não há uniformidade na constituição da língua, distinguem tipos de variação: a) diacrônica – através do tempo; b) diatópica – em relação à dimensão do espaço, como correlações entre o português europeu e o brasileiro, ou a variação regional do português do Brasil; c) diastrática – em relação aos diferentes estratos socioculturais de uma população; d) diamésica – relativo ao meio de expressão (oral ou escrito) em que a língua se realiza; além de outras formas de variação como as de registro (grau maior ou menor de formalidade), a de sexo, a de idade etc.

Mais especificamente quanto às variedades do português, considerando a dimensão espacial, os estudos sinalizam uma crescente de abordagens pedagógicas que voltam seus olhares para a

variação regional do português do Brasil, contudo pouco se explora ao que se refere às correlações entre o português brasileiro e o de variedades europeias ou africanas, foco de análise neste trabalho.

O conceito acerca do silenciamento cultural dialoga com o pressuposto da glotofagia (CALVET, 1981), a partir do qual uma língua poderia “sufocar” outras em virtude das suas relações sociopolíticas e econômicas, e consequentemente, diluir e pulverizar o agenciamento das interfaces linguísticas e culturais. É o que acontece com o imperialismo da língua inglesa em alguns países da América Latina, interferindo no processo de lexicalização e (des) (re) apropriação das culturas locais. No que diz respeito ao livro didático de língua portuguesa, considera-se que o respectivo fenômeno é resultado de um processo histórico de afirmação de identidades entre os países de língua portuguesa, sobretudo, Brasil e Portugal.

A ausência da discussão da variedade linguística nos PALOP, e por sua vez na escola, pode ser explicada não apenas pela questão identitária, mas por outros fenômenos linguísticos e culturais. Nesse sentido, compreende-se que a escrita e elaboração dos livros didáticos ainda sofre grande influência da gramatização. Na perspectiva de Aurox (1992, p. 65), a gramatização é o “processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Dessa forma, pensar a língua meramente enquanto instrumento técnico nos manuais didáticos esvazia o conteúdo reflexivo das situações enunciativas e seus efeitos culturais.

É justamente a historicização da língua portuguesa que se permite elencar as nuances e diferenças na língua através do tempo. É assim que a língua portuguesa se caracterizou no Brasil e em Portugal, nas articulações com os grupos linguísticos próximos, o espaço sulamericano/ europeu, as relações sociais e espaciais dos falantes dessa língua, criando aquilo que Orlandi e Souza (1998) denominaram de “língua fluída”, aquela focalizada “nos processos discursivos, através da história da constituição de formas e sentidos, tomando os textos como unidades (significativas) de produção”.

Entretanto, nossas hipóteses apontam para o fato de que o lócus da língua fluída quase inexistente no livro didático, posto que é o sistema normativo, a-histórico e sistematizado através de um padrão que permeiam os manuais de ensino na velha dicotomia do certo x errado. Em outras palavras, os livros didáticos priorizam o conceito de língua ideal ou língua imaginária, um determinado sistema fechado de falantes ideais, desconsiderando a diversidade linguística e sua riqueza cultural a partir de suas distinções metodológicas, ou seja, a língua gramatical e o corpo pleno da língua.

2. Metodologia

Com o objetivo de verificar a proposta de ensino da variação linguística, no campo da relação entre culturas, nos livros didáticos de língua portuguesa, optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa, a qual possibilita o aprofundamento da compreensão das propostas pedagógicas norteadoras do trabalho de ensino-aprendizagem apresentadas nesses livros brasileiros. Os dados, nesse contexto, foram lidos à luz das bases teóricas as quais nos permitem explicar faces da abordagem do fenômeno dos estudos interculturais nos referidos livros. A fim de contribuir com essa leitura, aliamos à pesquisa qualitativa, índices quantitativos, estabelecendo relações entre as coleções didáticas escolhidas para investigação, mobilizados pela comparação entre dados obtidos em cada uma delas.

Como *universo* de pesquisa, selecionamos livros didáticos de língua portuguesa para educação Básica do Brasil. Como *amostra*, tomamos 3 coleções do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de editoras distintas, com circulação em 2015, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) brasileiro, em 2014, totalizando 12 exemplares, a saber:

- Coleção 1 - MARCHETTI, Greta. COSTA, Cibele Lopresti. SOARES, Jairo J. Batista. TAKEUCHI, Márcia. **Para Viver Juntos: Português**. 6º ano 9º Ano. 3. ed. Edições Sm, 2012.
- Coleção 2 - MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. CEREJA, William Roberto. **Português: Linguagens**. 7. ed. Saraiva Livresiros Editores, 2012.
- Coleção 3 - DISCINI, Norma. TEIXEIRA, Lúcia. **Perspectiva: língua portuguesa**. 2. ed. Editora do Brasil, 2012.

As razões pelas quais escolhemos as referidas coleções para estudo são especialmente duas: o papel do livro didático no ensino-aprendizagem de língua materna no Brasil e a referenciada avaliação do PNLD para garantir maior nível de qualidade dos materiais pedagógicos disponíveis.

Sobre o papel do livro didático no cenário da escola pública brasileira, Lajolo (1996) destaca o seu poder de ditar diretrizes sobre o que se ensina e como se ensina. Isso decorre, em grande medida, em razão da precariedade do sistema de ensino público, em que muitas vezes o professor dispõe apenas desse material didático para subsidiar a sua prática pedagógica.

Nas últimas duas décadas, o Ministério da Educação implementou políticas que visam à aquisição e distribuição desse tipo de material, com o fornecimento gratuito do mesmo aos alunos. Nesse caminhar, o PNLD assume um papel de destaque para consecução dos objetivos, visto que também paulatinamente opera no sentido de além de adquirir os livros, empregando grande volume de recursos financeiros, passa a avaliar as obras disponíveis no mercado brasileiro, na tentativa de

garantir aos livros que estarão disponíveis para uso nas escolas padrões de qualidade pedagógica referendada pelas diretrizes dos PCN, a exemplo.

Todas as coleções selecionadas para esta pesquisa foram bem avaliadas pelo PNLD, sendo recomendadas ao trabalho pedagógico nas escolas públicas. Conforme avaliação do Programa, em seu Guia de Livros Didáticos, como elementos norteadores das suas análises estão, no âmbito da escrita, o desenvolvimento de atitudes, competências e habilidades envolvidas na compreensão da **variação linguística** e no convívio democrático com a diversidade dialetal, de modo que seja evitado o preconceito e sejam valorizadas as diferentes possibilidades de expressão linguística e, no âmbito da oralidade, não diferente, o trabalho com a **variação** e a heterogeneidade linguísticas, situando no contexto sociolinguístico o ensino das normas urbanas de prestígio. Considerando o aspecto da variação linguística, às coleções selecionadas, não se apresentaram críticas, no tocante à abordagem pedagógica.

Na pesquisa em tela, como *corpus*, selecionamos as seções dos livros que abordam o estudo da variação linguística a serem observadas numa perspectiva intercultural. Dentre as categorias de análise, estão: abordagem do tema variação linguística e sua relação com estudos interculturais; aproximações do estudo de textos, em diversos gêneros textuais, - e seus recursos linguísticos -, realizados em diferentes variedades em usos em países de língua portuguesa.

Diante dessas categorias, levantamos questões de investigação, tais: a variação linguística recebe tratamento específico em que volumes e seções de cada coleção? Quanto a esse tratamento, a perspectiva intercultural é abordada? Quais países de língua portuguesa são mencionados nesses estudos do livro didático? Do ponto de vista metodológico, como a variação intercultural da língua portuguesa é explorada? Com as análises buscaremos apresentar possibilidades de respostas às questões que se colocam, tendo por base a concepção de ensino língua como forma de interação social.

3. Variação linguística no livro didático de português do Brasil: análises das relações interculturais, considerando os países de língua portuguesa

No que se refere à existência de seção específica para o tratamento do tema da variação linguística, as coleções 1, 2 e 3 a apresentam em seus volumes 6, 6 e 8, respectivamente. Na coleção 3, além do volume 8, há uma seção que trata indiretamente desse tema, no volume 9. O Gráfico 1 apresenta um panorama do tratamento específico da variação linguística nas coleções de livros didáticos investigadas:

Gráfico 1 - Tratamento específico da variação linguística nas coleções de livro didático

Aspecto	Coleção 1				Coleção 2				Coleção 3			
	v.6	v.7	v.8	v.9	v.6	v.7	v.8	v.9	v.6	v.7	v.8	v.9
Seção específica sobre o conteúdo variação linguística	x	-	-	-	x	-	-	-	-	-	x	x
Abordagem intercultural nas seções específicas sobre variação linguística: referências aos países de língua portuguesa	x	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	x

Em ambas coleções, a noção de variação linguística afina-se com a ideia de que a língua apresenta variações decorrentes de fatores interrelacionados como condição social, histórica, cultural, regional, entre outros. O conceito de variação linguística é abordado, em geral, em texto explicativo típico do livro didático, com a exemplificação de textos, em diferentes gêneros textuais, (como tirinhas, artigos informativos, e-mails, listas de palavras, anúncios, anedota, notícia) que realizam variedades linguísticas de diversas ordens; bem como com base em exercícios de leitura-análise de textos ou de palavras/expressões selecionados para estudo.

No que concerne aos países de língua portuguesa mencionados nos estudos do livro didático, em suas seções destinadas à explanação sobre variação linguística, as coleções apresentam distinções quanto à forma de tratamento pedagógico.

Na Coleção 1, no volume 1, há seção específica sobre variação linguística, contudo nessa não existem referências aos países de língua portuguesa ao se realizar a conceptualização das variedades regionais. Todavia, na atividade de reflexão linguística, ao se retomar como exercícios o conteúdo da variação linguística, apresenta-se uma única questão para análise de relações interculturais perpassadas pela língua portuguesa: Solicita-se que o estudante leia uma notícia (trecho) publicada em um jornal de Portugal, para explicar diferenças de vocabulário e de forma de organização das palavras entre o português brasileiro e o lusitano com base no texto lido. Observa-se que a notícia encontra-se incompleta e descontextualizada conforme suas condições de produção, também não se questiona sobre os elementos de constituição discursiva do gênero textual: a abordagem das relações interculturais apresenta-se de forma superficial.

Já na Coleção 2, no volume 1, observa-se uma preocupação com a contextualização sócio-histórica do português no mundo, mesmo que de forma breve:

Falamos o português no Brasil porque essa língua foi trazida pelos portugueses por ocasião da expansão marítima no século XV. Outros países colonizados por Portugal, como Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo verde e Guiné-Bissau, na África, também tem o português como língua oficial. (v.1, p. 27).

Ainda nesse volume, também, ao se discutir os tipos de variedades linguísticas, considerando as diferenças de lugar ou região, são apresentados dois pequenos boxes informativos com notas sobre “A língua portuguesa no mundo” e “O português na Ilha da Madeira”. No primeiro, são citados os quatro continentes em que se fala a língua portuguesa, bem como os nove países/províncias que retratam essa presença. No segundo box, informa-se que há diferenças entre o português falado em Portugal e o falado na Ilha.

Finalmente, no fechamento do conteúdo sobre variação linguística, na seção “Semântica e discurso”, há uma abordagem pedagógica em que se propõe a leitura de uma notícia jornalística (trecho) publicada em Portugal (02.10.2013) a fim de se evidenciar questões lexicais, explorando-se diferenças de significado de algumas palavras, conforme ocorrências no Brasil e em Portugal. Além disso, ainda nessa seção, questiona-se sobre a correspondência de sentido lexical entre traduções de títulos de filmes ou listas de palavras isoladas de contexto de uso, entre os mesmos países.

Quanto à Coleção 3, no volume 8, há uma unidade composta de duas lições (de um total de 8 lições) especificamente dirigida ao tratamento do tema “Variação linguística”: Lição 1 – Romeus e Julietas, e Lição 2 - Adolescentes. Nessa unidade, apresentam-se reflexões sobre textos do português do Brasil em diversas situações de uso a fim de se verificar as muitas possibilidades de variação da língua: geográfica, social, histórica, cultural etc. São propostos para leitura, textos em diversos gêneros: matéria de revista, relato, peça teatral, artigo de divulgação científica, depoimentos, poema. Não há menção ao estudo intercultural, apenas abordam-se as variações no contexto do português brasileiro.

Ainda na Coleção 3, dando-se sequência ao estudo da variação linguística, no volume 9, há uma lição exclusiva para estudo da língua portuguesa nas suas relações interculturais com demais PALOP, dentre as 8 lições disponíveis para trabalho pedagógico durante o ano letivo pelo livro didático: “Lição 7 – ‘Minha pátria é minha língua’ ” (p.258-307). Inicialmente, propõe-se desenvolvimento de um projeto de pesquisa em que dentre seus objetivos estão o de pesquisar a respeito da língua portuguesa no mundo e no Brasil, observando-se entre outros aspectos, a variação da língua em uso:

Objetivos da primeira parte (língua portuguesa no mundo):

1. Identificar os lugares do mundo em que se fala português, escolhendo um deles para conhecer mais profundamente.
2. Selecionar fontes de pesquisa sobre o tema, e, nas fontes, separar os capítulos, trechos, sites ou links que se refiram especificamente a um dos lugares do mundo onde se fala o português.
3. Ler os textos selecionados e discuti-los em grupo, preparando notas ou esquemas sobre os principais tópicos a ser tratados.
4. Preparar o resumo sobre os conteúdos selecionados pelo grupo, a respeito do local escolhido, com ênfase no aspecto linguístico.
5. Trocar os resumos e, a partir de avaliação do grupo, redigir um resumo coletivo.
6. Pesquisar a internet, revistas, e nas embaixadas ou consulados do país estudados folhetos, fotos, mapas, cartões postais, bem como todo tipo de ilustração que possa ser apresentada durante as atividades de expressão oral. (p.262)

No projeto, como referências bibliográficas estão, por exemplo, sites tais: Museu da língua portuguesa; Instituto Camões; Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Há uma abordagem minuciosa sobre a língua portuguesa no mundo, com explanações e mapas dos países falantes da língua portuguesa, referências a livros literários de expressão portuguesa, proposições de leituras de textos de autores de vários países de língua portuguesa, além da abordagem sobre o acordo e as convenções ortográficas entre esses países e o estudo da origem do léxico do português.

Dentre os gêneros textuais em estudo, destacam-se: Biografia e autobiografia (Fernando Pessoa, Padre Antônio Vieira); Comunicação em congresso (Irene Guerra Marques, sobre questões angolanas); ensaio sobre romance e trechos de romance (“Um estranho em Goa”, José Educardo Agualusa). Observa-se que nem todos os países são enfatizados, há apenas uma mostra.

Comparando-se as três coleções de livros didáticos, considerando o critério “Abordagem intercultural nas seções específicas sobre variação linguística: referências aos países de língua portuguesa”, a coleção 3 é a que mais evidenciou preocupações pedagógicas com o estudo da língua portuguesa e suas realizações culturais no mundo ao passo que as demais coleções, trataram do assunto sem aprofundamento. Na referida coleção, a orientação para pesquisa, seleção de fontes de leitura, elaboração de resumos e esquemas com vistas à apresentação oral dos trabalhos a serem realizados por pequenos grupos de alunos, sinaliza que o livro didático é apenas o ponto de partida para um estudo com grande potencial para autonomia e criatividade na busca e apresentação de demais informações sobre a temática em tela em sala de aula.

Considerações finais

Observando-se o tratamento pedagógico do tema variação linguística e a abordagem do estudo de textos/ gêneros textuais em uso em diferentes países de língua portuguesa no Livro Didático de Português, analisamos três coleções dirigidas ao ensino fundamental (6º ao 9º ano).

Coleção 1. Apenas o gênero notícia (uma ocorrência) foi explorado para estudo da variação linguística numa perspectiva intercultural: relações língua portuguesa lusitana e brasileira. Sem se abordar questões sociodiscursivas de uso desse gênero, o enfoque usado foi o lexical: comparações entre palavras e seus significados em usos estanques. Portugal é o país de referência nas abordagens interculturais nesta coleção.

Coleção 2. Novamente o gênero notícia (uma ocorrência), além de pequenos boxes informativos com textos expositivos (duas ocorrências) sobre a língua portuguesa no mundo são gêneros ofertados à leitura-estudo da variação linguística. A abordagem lexical também encontra-se em destaque. Portugal, de forma similar à Coleção 1, é a referência dos estudos interculturais, contudo se sinaliza a expressão de demais países, mesmo que de forma breve em pequenos textos informativos exposto como curiosidades em boxes.

Coleção 3. Apresenta lição específica para abordar a língua portuguesa no mundo, com proposição de pesquisa minuciosa sobre o tema para apresentação oral. Alguns textos, em diferentes gêneros textuais, são apresentados para leitura-estudo: biografia, comunicação, ensaio, romance. Não apenas Portugal, como também os demais PALOP são considerados nos estudos.

Ao longo do estudo, verificou-se que nas demais seções do livro didático, além das que estabelecemos como foco de estudo, é quase ausente a exploração de exemplares de textos relativos aos PALOP: fato que mereceria investigação aprofundada. E quando abordada, Portugal é o país de referência, como ocorre na Coleção 3, volume 7, que destina uma lição para o estudo dos gêneros textuais discussão regrada e ensaio crítico, tomando por base leituras e análises de textos de Fernando Pessoa e Camões, poemas consagrados.

Seguindo essa linha de abordagem intercultural, em geral, nos livros temos: apresentação de textos escritos por brasileiros que fazem menção ao histórico da língua portuguesa, principalmente em sua relação com Portugal; sugestões de leitura de alguma obra, livros clássicos, como de poemas de Fernando Pessoa ou Camões; notas informativas sobre o último acordo ortográfico da língua portuguesa; estudo de algum gênero textual e exemplificação com texto de expressão portuguesa estrangeira (relato pessoal – trecho da carta de Caminha); ou até mesmo uso de texto de país de língua portuguesa como pretexto exclusivo de estudo gramatical (anúncio publicitário de revista lisbonense para estudo de conjunções).

Os resultados indicam o grande desconhecimento do estudante brasileiro no que diz respeito à CPLP diante da sutil presença da glotofagia cultural (CALVET, 2006) em tais livros didáticos, ao deixar compreender uma pretensa superioridade cultural, discursiva e gramatical da variante brasileira em detrimento às demais variantes da língua portuguesa. A pouca existência de textos, em seus diversos gêneros textuais, e atividades pedagógicas de letramento e oralidade que correlacionem as diversas variantes da língua portuguesa sinalizam uma assincronia didático-metodológica e reafirmam o isolamento linguístico-cultural ao qual o Brasil tem optado historicamente frente aos demais PALOP, incorrendo na cristalização de uma visão enviesada do “outro”.

Por fim, considera-se que, além de sugerir pesquisas mais amplas por parte dos alunos sobre os PALOP, como evidenciado na Coleção 3, o livro didático poderia: explorar textos de vários países e em vários gêneros textuais nas abordagens de letramento; indicar filmes, documentários, músicas, notícias, entrevistas e reportagens para assistir a (ou escutar) e debater em sala, momento em que a língua oral também figurasse como elemento de estudo; propor a leitura de livros literários oriundos da CPLP, dos clássicos aos atuais, com orientações aos professores para trabalhar relações culturais com base nas práticas linguísticas; sugerir sites de revistas, jornais, relacionamentos em diversos países de língua portuguesa.

As alternativas pedagógicas propostas situam-se na perspectiva de que é preciso estudar a variação atentando-se também para seus sentidos sociais e culturais, desmitificando ideais puristas sobre a nossa realidade linguística e seu tratamento na escola, bem como combatendo discriminação e preconceitos linguísticos que nascem de uma ignorante e deturpada visão de língua como fenômeno homogêneo e desvinculados das relações socioculturais.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CORACINI, M.J.. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.
- CYRANKA, L.F.M.. A pedagogia da variação linguística é possível? In.: ZILLES, A.M.S.; FARACO, C.A.. **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. pp. 31-54.
- D'ÁVILA, C.. **Decifra-me ou te devorarei: o que pode o professor frente ao livro didático?** Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008.

FARACO, C.A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In.: ZILLES, A.M.S.; FARACO, C.A.. **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. pp. 19-30.

FARIA, A. L. G.. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Polêmicas do Nosso Tempo, 1984.

GALARZA, D.K. Aulas de português, construção do conhecimento e interação social. In.: ZILLES, A.M.S.; FARACO, C.A.. **Pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. pp. 53-78.

GERALDI, J. W. . **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: contexto, 2006.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, P.C.V.. A rotina do livro didático e o professor. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **O livro didático de Língua Portuguesa**. 2. ed. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2008. p. 15-16.